

*10458*  
HISTÓRIA DA RAÍNHA SANTA E DO  
REI LAVRADOR



COLECÇÃO PÁTRIA — LIVRO NÚMERO OITO

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1938

L.  
27147



E X - L I B R I S



COMPOSTO E IMPRESSO NOS GRANDES  
ATELIERES GRÁFICOS .MINERVA., DE  
GASPAR PINTO DE-SOUSA & IRMÃO  
VILA NOVA DE FAMALICÃO - 1938

LISBOA - EDITORES S. P. N. - 1938



N.º 136:451

## LIVRO OITO

HISTÓRIA DA RAÍNHA SANTA  
E DO REI LAVRADOR

O pobre rei D. Sancho, a quem chamavam *o Capelo* e que foi enfeitado de amor, morreu novo ainda, em Toledo, longe da sua terra e sózinho. Não deixou filhos.

Quem herdou o trono foi seu irmão, o infante D. Afonso, a quem depois deram a alcunha de *Bolonhês* porque viveu muitos anos em França e lá casou com a condessa de Bolonha que era de sangue real.

Durante o reinado de D. Afonso III, *o Bolonhês*, acabou-se a conquista do Algarve e, daí por diante, não houve mais guerras contra moiros em terras de Portugal. Depois de algumas guerras contra os espanhóis, D. Afonso III chegou a acôrdo com eles acêrca das fronteiras que ficaram traçadas como agora são.

E não há outro país na Europa que tenha conservado como o nosso, a mesma linha de fronteiras, sem mudança alguma, desde então até agora, isto é, seiscentos e cinquenta anos.

Durante êste reinado aconteceu uma outra coisa muito importante; e foi que el-rei mais os fidalgos portugueses que na sua companhia tinham estado em França, de lá trouxeram o gôsto dos estudos e da poesia. E como a segunda mulher de el-rei era filha de D. Afonso *o Sábio*, rei de Castela, homem estudioso e grande amigo das letras, êsse gôsto cresceu muito em Portugal.

Até ali não tinha havido tempo nem maneira de se pensar em estudos ou letras. O cuidado dos quatro reis que tinham governado antes de D. Afonso III era só governar o melhor que podiam, e batalhar; defender-se dos espanhóis e varrer de moiros tôdas aquelas terras. Mas agora os moiros estavam vencidos e o reino de Portugal já metia respeito aos espanhóis. Assim D. Afonso teve tempo de pensar noutras coisas, na cultura das terras para que dessem mais pão e em povoar aquelas onde havia ainda muito pouca gente. E recebia na sua côrte com muitas honras, os poetas e os sábios e entre êles escolheu os melhores que havia para mestres do seu filho D. Diniz, herdeiro do trono.

D. Diniz era um rapazinho que metia tôda a gente no coração. Parecia que Deus lhe tinha dado tôdas as perfeições. Bem feito e rijo de corpo, bem parecido de rosto, desembaraçado para montar a cavalo e manejar as armas, amigo de estudar e de aprender, geitoso, esperto, cheio de juízo, tôda a gente se maravilhava de o ver e de o ouvir; e o povo tinha tanta presunção nêle que nem podia ouvir dizer que houvesse outro príncipe igual em tôda a cristandade.

Teria D. Diniz pouco mais de dezassete anos, quando chegou à côrte, vindo do reino de Aragão, um trovador chamado Pedro Dalora, já conhecido em várias côrtes pelos lindos versos que fazia e pela perfeição com que os cantava acompanhando-se à viola.

Dava-se naquele tempo o nome de trovadores aos poetas que andavam de côrte em côrte e de castelo em castelo cantando os seus versos que eram

quási sempre grandes histórias de princesas e cavaleiros e guerras e amores. Havia uns mais afamados, outros menos, mas onde quer que chegassem, eram bem recebidos, agasalhados e premiados com dinheiro e bons presentes. Em cada castelo ou côrte real ficavam dias, semanas ou meses; depois seguiam o seu destino. Os senhores dèsses castelos eram ricos e poderosos como pequenos reis. A's vezes, os trovadores cantavam só para as senhoras, nos aposentos das rainhas ou castelãs que muito gostavam de os ouvir; outras vezes cantavam em saraua defronte de tôda a côrte reünida.

D. Diniz, que veio a ser mais tarde muito bom poeta e fêz lindos versos que ainda agora são conhecidos, gostava sempre de ouvir os trovadores que apareciam na côrte. Mas nunca tinha gostado tanto de nenhum como dèste Pedro Dalora. Passava horas com êle a ouví-lo dizer ou cantar os seus versos, a mostrar-lhe alguns que tinha já feito; e pedia-lhe que lhe contasse histórias das suas viagens e aventuras e das côrtes onde tinha estado e da gente que tinha conhecido em França e nas Espanhas.

Um dia estavam os dois a conversar de tôdas estas coisas no jardim do palácio, e D. Diniz perguntou:

— Há uma coisa que tu ainda não me disseste e que eu gostaria muito de saber. De tôdas essas princesas que viste em côrtes reais qual te pareceu a mais linda e mais virtuosa?

Pedro baixou os olhos e ficou-se calado muito tempo, até que D. Diniz sorriu e disse assim:

— Vejo que não queres responder. E' talvez porque toquei, sem querer, em alguma ferida do teu coração.

Mas Pedro levantou de-repente a cabeça e respondeu muito pronto:

— Oh! meu senhor! Aquela em que estou pensando encontra-se tanto acima de mim como a Virgem Santa. O meu pensamento está de joelhos diante dela como diante de uma santa no seu altar.

— E é nova e linda?

— E' nova como um botão de rosa que principia a abrir; e é linda ... tão linda! ... Mas a sua lindeza não é da terra. Os cabelos são de oiro fino, e os olhos do azul do céu. Tudo nela é perfeito. Um dia vi um lírio perto dela e quis compará-la a essa flor tão pura; mas logo o lírio me pareceu murcho. O que espanta não é a beleza que a gente vê; é ... nem sei como dizer ... é qualquer coisa do céu que para em volta dela ... como se fôsse um anjo, um anjo verdadeiro que tivesse vindo à terra. Anda e fala e ri com todos como qualquer outra princesa; mas a gente percebe que ela não pertence a êste mundo. E isto não é só idea minha porque muitos dos que vivem sempre junto dela mo disseram.

Ficaram os dois calados muito tempo e por fim D. Diniz disse assim:

— Porque é que não querias responder à minha pergunta?

— Fiquei a cismar antes de responder, meu senhor, porque não sei se sou digno de falar dela. Parece-me um sacrilégio; nunca falei dela a ninguém. Mas de-repente pensei, visto Vossa Alteza ser tão novo e o seu coração tão alto, que talvez Deus me mandou aqui para dizer o que disse.

— E porquê?

— Quem sabe, meu Senhor?

Calaram-se os dois outra vez.

— E é casada? — perguntou D. Diniz com o coração a bater-lhe no peito sem êle saber porquê.

— A-pesar-de tão novinha ainda, não lhe têm faltado pretendentes. Príncipes de sangue real de Inglaterra, da França e das Espanhas. Mas el-rei seu pai responde que é cedo ainda ... Não quiere separar-se dela. Chama-lhe o seu anjo de guarda.

— Ainda não me disseste quem ela é.

— E' a infanta D. Isabel, filha de el-rei de Aragão.

Não tinha ainda passado um ano depois desta conversa, quando el-rei D. Afonso III morreu e D. Diniz subiu ao trono de Portugal com a idade de dezóito anos. Mas a idade para êle não era como para os outros rapazes.

Apenas tomou conta do govêrno mostrou tal juízo e tal firmeza que até os fidalgos mais velhos e os sábios da sua côrte se espantavam. Seu pai, com tantos trabalhos e cuidados que tivera durante o seu reinado, não pudera atender a tudo; havia ainda grandes bandos de ladrões que andavam a monte vivendo de grandes roubos e crimes. D. Diniz logo lhes fêz guerra sem quartel; quantos apanhava logo os mandava enforçar. E assim enforcou tantos, que os poucos que ficaram ou se emendaram ou fugiram para Espanha.

Vendo-se livre daquela praga, D. Diniz começou logo a governar os bens do país e da coroa, fazendo muitas acertadas economias e aumentando muitíssimo as riquezas de Portugal. Tratou da marinha mandando fazer muitos e bons navios para guardarem as costas de Portugal e guerrearem os moiros infiéis. E desenvolveu muito a cultura da terra, tanto e com tal proveito, que o povo lhe deu o cognome de *Lavrador*.

Não contente com isto, tratou de povoar muitos lugares, de fortificar castelos e vilas, de dar a independência a muitos povoados, e de plantar muitos pinhais para haver boas madeiras de construção; assim plantou o pinhal de Leiria que ainda hoje existe.

Tôda a gente se maravilhava de ver como, em príncipe de tão pouca idade, havia tanto tino e inteligência; e o povo inteiro lhe tinha muito respeito e muito amor.

Assim correram meses e anos.

Um dia, estava el-rei no seu castelo de Leiria de que muito gostava e onde ia descansar dos seus trabalhos, quando um dos seus conselheiros, chamado João Velho, fidalgo muito honrado e que el-rei muito estimava, veio ter com êle ao seu aposento e lhe disse que era tempo de pensar no casamento a-fim-de dar um herdeiro ao trono de Portugal.

D. Diniz respondeu:

— Não me trazes nenhuma novidade, João Velho, essa idea anda comigo já há muito tempo. Mas aquela que escolhi mora tão alto que não sei se a minha vida tão curta ainda e com tão poucos merecimentos me permite levantar para ela os olhos.

O velho fidalgo ficou a cismar nestas palavras mas não se atreveu a fazer perguntas. Só pediu a el-rei que fôsse pensando naquela conversa; e disse que, a respeito de merecimentos, não sabia êle de outro rei que, com tão pouca idade e em tão poucos anos, tivesse feito obra que se comparasse à dele, nem tivesse mostrado maior tino ou mais virtudes.

Apenas João Velho saiu do aposento, el-rei abriu a porta do seu oratório, ajoelhou defronte do altar com muita devoção, juntou as mãos e, erguendo os olhos para a imagem de Jesus Cristo, fêz esta oração:

— Meu Deus e meu Senhor, Pai de misericórdias, que me confiaste com tão pouca idade o govêrno dêste reino que te pertence, tem piedade de mim. Esquece nesta hora os meus pecados e lembra-te só da minha vontade de te servir. Depois de teres alumiado o meu coração com êste grande amor por uma infanta que nunca vi, não a afastes do meu caminho. Só tu, meu Deus, sabes como tenho trabalhado para merecê-la. Manda-me todos os tormentos que forem da tua vontade, mas dá-me por espôsa aquela que espero com tão grande amor e devoção, para me ajudar a engrandecer êste teu reino de Portugal.

Terminada esta oração, foi el-rei sentar-se no poial de uma daquelas lindas janelas do castelo de onde se disfruta lá em baixo a vila de Leiria e as planícies em redor a perder de vista.

E baixando os olhos para a planície, viu vir ao longe dois homens a cavalo.

A' medida que se aproximavam, D. Diniz pôde ver que o que vinha na frente, pelo vestuário e lindo cavalo que montava, parecia fidalgo, e o que o seguia devia ser seu escudeiro; e cismou quem seria aquêlê viajante. E sem saber porquê e só porque o coração lhe adivinhava um grande acontecimento, entrou em grande alvoroço.

O cavaleiro era Pedro Dolora que vinha direitinho do reino de Aragão.

Apenas o trovador comeu e descansou, D. Diniz chamou-o ao seu aposento:

— E' Deus que te manda. Dá-me notícias da Infanta.

— Não podem ser melhores, meu Senhor.

E Pedro contou que, em cada ano que passava, cresciam as virtudes e a formosura de D. Isabel e que, no reino de Aragão, não havia quem a não tivesse por santa.

E Pedro continuou baixando a voz e falando com muito respeito:

— Meu Senhor, se aqui vim, foi para dizer a Vossa Alteza uma coisa tão admirável que a tenho por milagre. Há muitos meses que estou na côrte de Aragão; lá se prendeu a minha vontade a uma aia da Infanta, chamada D. Brites; e foi ela que me contou o que agora vou dizer, porque a Infanta é muito amiga dela e foram criadas juntas, de meninas. Quando eu fui daqui e falei a Brites de Vossa Alteza e de seus merecimentos e virtudes, ela repetiu a D. Isabel tudo que eu dissera; e, daí por diante, a Infanta que não quer saber de amores e nunca fala dos grandes príncipes e fidalgos que têm pretendido a sua mão, por muitas vezes fêz perguntas a Brites sôbre Vossa Alteza. E por fim contou-lhe um sonho que tivera em que vira Nossa Senhora descer da sua glória trazendo-lhe pela mão um espôso escolhido. E disse a Brites a aparência dêsse príncipe: a côr dos cabelos e dos olhos, e as feições do rosto, e os modos, e até êsse sinal que Vossa Alteza tem numa face... E êsse espôso escolhido tinha na mão a bandeira das quinças de Portugal.

Ao ouvir tais palavras, el-rei perdeu a côr do rosto e não pôde falar.

Nessa mesma tarde mandou chamar João Velho e disse-lhe assim:

— Pensei no que me disseste esta manhã; e vou dar-te a minha resposta.

Tu e mais outros que direi, partirão daqui sem demora como embaixadores meus a el-rei de Aragão, a pedir-lhe a mão de sua filha a Infanta D. Isabel. Será ela a rainha de Portugal.

Partiram os embaixadores para Aragão; e o principal era João Velho que fôra grande amigo de el-rei D. Afonso III e que D. Diniz tinha em grande estimação.

El-rei D. Pedro de Aragão, que se via cada vez mais apoquentado com os pedidos dos pretendentes à mão da Infanta, já começava a pensar que não poderia guardá-la sempre consigo. Quando chegaram os embaixadores de Portugal, considerou que D. Diniz não era príncipe, mas rei, e quanto era já grande a fama de juízo com que governava seus Estados, das muitas riquezas que possuía e das raras virtudes do seu coração. Perguntou à Infanta se tal casamento seria do seu agrado, e quando ela lhe disse que sim, foi logo dar a sua resposta aos embaixadores.

Sem mais delongas, João Velho, que para tanto levava poderes e procuração, recebeu a infanta D. Isabel na igreja, por mulher de el-rei D. Diniz e logo ali ela ficou sendo, por lei, rainha de Portugal; e, depois de combinarem tempo certo em que ela devia ser conduzida à terra de seu marido, os Embaixadores partiram de Aragão muito contentes com a boa nova que levavam a el-rei.

Andava neste tempo grande guerra em Castela entre el-rei D. Afonso X e seu filho D. Sancho de quem D. Pedro de Aragão tomara o partido. Assim a jornada que já de si era arriscada naqueles tempos, ainda mais arriscada se tornava; e el-rei D. Pedro aflito, receoso pela segurança da filha, não sabia o que fazer, e ora pensava em a mandar por terra ora por mar, na sua ânsia de a livrar de perigos.

Mas D. Isabel disse-lhe, muito serena e segura de si:

— Mande-me Vossa Alteza por terra e quanto mais cedo melhor; e nem é preciso grande acompanhamento, pois tudo isto é da vontade de Deus que o sinto bem no fundo do meu coração. E não tenha Vossa Alteza receio, que nem feras, nem ladrões, nem as tropas de D. Afonso de Castela, me farão mal.

El-rei D. Pedro, fiado naquele sorriso e naquela fé, ordenou por fim a partida da filha e acompanhou-a até à fronteira de Castela. Aí, abraçando-a com muitas lágrimas de saúde, disse-lhe assim:

— Filha do meu coração, Deus te chamou para este casamento e quis que da minha casa saíesses rainha; na terra onde nasceste, sempre te guardou e te protegeu e fez com que todos te amassem. Que ele continue agora a proteger-te com a sua divina bênção para que nesta jornada não encontres perigos nem mal algum, e para que, nessa terra onde vais, a tua vida seja tão santa como até aqui tem sido e que haja sempre amor e paz entre o coração de teu marido e o teu.

Soltou-a então dos braços, deitou-lhe sua bênção e assim se despediu dela.

Depois subiu a um outeiro e ali ficou a vê-la afastar-se com seu grande acompanhamento de aias, pagens, cavaleiros, gente de armas e os almocreves com as bestas de carga que levavam as bagagens da rainha e um nunca acabar de cofres com os riquíssimos presentes que seu pai lhe dera: linhos finos e sêdas preciosas e jóias e baixelas de prata e objectos de ouro e sacos de moedas...

Naquele tempo uma viagem de Aragão até Portugal não se fazia como agora. Não havia estradas seguidas, os caminhos eram maus, as terras pouco povoadas e em muitas partes infestadas de ladrões. Só se podia ir a cavalo e avançava-se devagar, durante muitos dias, pernoitando aqui e além, conforme se podia.

Mas apenas a rainha entrou em terras de Castela, veio o príncipe herdeiro D. Sancho e mais seu irmão o infante D. Jaime, com muitos cavaleiros, todos vestidos e armados com grande riqueza, para a cumprimentarem; e o infante D. Jaime com a sua gente acompanhou a rainha até Portugal a-fim-de a guardar e proteger emquanto fôsse em terras de Castela.

E assim continuaram a sua jornada através de campos e charnecas sem fim. Tão grande e luzido acompanhamento nunca se tinha visto, e onde quer que houvesse cidades ou vilas, juntava-se povo que vinha de longe para ver a rainha de Portugal tão novinha e tão linda montada no seu cavalo branco de neve, com seus veus bordados a ouro, e com tantas aias e fidalgos e tanta riqueza que, quando o sol dava no aço das armas e na prata dos arreios, e nos oiros dos enfeites, só parecia que tôda aquela gente ia coberta de estrélas.

Chegaram por fim a Portugal e entraram na cidade de Bragança onde estava o infante D. Afonso, irmão de el-rei D. Diniz, e D. Leonor, sua irmã, e um ror de damas e Bispos e ricos homens, e fidalgos, tudo com grandes acompanhamentos, e músicas e riquezas, e a cidade tôda enfeitada e as ruas apinhadas de povo. Depois dos cumprimentos e cortezias devidos, e da rainha descansar, seguiram então todos para Trancoso; e aí, el-rei D. Diniz, em grande aparato, veio à porta da vila, receber a rainha. E quando olhou para ela, baixou logo os olhos como se tivesse encarado o sol, porque tudo que tinha imaginado da formosura de D. Isabel era coisa nenhuma comparado com o que agora via. Ajoelhando defronte dela, beijou-lhe a mão e disse:

— Que fiz eu, Senhora, para merecer tal fortuna?

E ela respondeu com um sorriso:

— Que fortuna, meu Senhor? Sou e serei sempre a vossa serva.

Mas ele não pôde dizer mais nada porque levantara a cabeça e encontrara aquêle olhar azul como o céu onde resplandecia a alma da rainha, tão linda, pura e inocente, que ficou tolhido de espanto e admiração.

Fizeram-se as bodas em Trancoso com grandes festas e alegrias. E isto foi em Agôsto de 1282.

Dali partiu D. Diniz com a sua rainha para Coímbra e lhe deu terras, e rendas, e officiaes, e tudo que competia ao seu serviço, com luxo e esplendor nunca vistos.

• • •

Decorreram alguns anos mais.

A rainha D. Isabel dera já dois filhos a D. Diniz: o infante D. Afonso que veio a ser rei por morte de seu pai, e a infanta D. Constança que depois foi rainha de Castela. Mas por enquanto ainda eram meninos e passavam os dias a brincar. E sua mãe olhava muito por eles e ensinava-lhes a serem caridosos e obedientes e tementes a Deus e a terem as boas maneiras e virtudes que competem a príncipes.

O trovador Pedro Dalora casara com a aia da rainha, D. Brites, que agora era sua camareira-mor; D. Isabel e D. Diniz quiseram ser os padrinhos daquele casamento; Pedro nunca se apartava de el-rei e foi sempre um dos seus melhores amigos.

A rainha passava muito tempo em oração; rezava tôdas as horas canónicas e depois lia livros de devoção e concentrava-se tanto naquele amor de Deus que muitas vezes a encontravam em êxtasis como se visse coisas do céu que os outros não podiam ver.

Andava tão perto dos anjos que as paixões e o mal da terra já não lhe podiam tocar; e no olhar e nos modos e em tudo que dizia e fazia, era bem de ver que a graça de Deus estava sempre com ela.

A's tardes reunia as suas aias e tôdas juntas bordavam e faziam rendas e labores preciosos de sêda, prata e ouro. Mas as obras que saíam das mãos tão lindas da rainha não pareciam feitas por mãos da terra tal era a sua beleza, a sua finura e perfeição. E enquanto assim trabalhava, a rainha ia conversando com as suas aias e ora falava sério, ora ria, com elas; mas quer de um modo quer do outro, tôdas elas diziam que mais parecia estarem em companhia de um anjo. E às vezes as aias recitavam ou cantavam os versos de el-rei D. Diniz que os fazia muito lindos porque era um grande poeta; a rainha gostava muito de os ouvir.

Havia porém uma coisa na qual el-rei e a rainha se não entendiam muito bem; e era a questão de despesas.

Para a rainha, o dinheiro não contava. Tudo que tinha, tudo dava; as suas esmolas e caridades eram um poço sem fundo onde tudo que lhe vinha às mãos desaparecia. Não havia desgraça a que não acudisse, nem pobre envergonhado que não descobrisse e salvasse. Não podia ver miséria a que não quisesse logo dar remédio. Achava que não havia bastantes hospitais e mandou dar princípio a três, em Coímbra, outro em Leiria e o terceiro em Santarém.

— Mas que dirá el-rei? — perguntava-lhe D. Brites. — Onde acharemos dinheiro para estas obras?

A rainha não se amofinava; respondia, muito segura de si, com aquêl sorriso de anjo que a iluminava tôda:

— Não te aflijas com o dinheiro. Deus o fará aparecer.

E fazia; ou porque el-rei o dava, ou porque a rainha se lembrava de vender alguma coisa, jóia ou os bordados e rendas que saíam das suas mãos.

Mas por mais dinheiro que el-rei desse à rainha nunca ela tinha uma reserva; sumia-se logo como fumo. Nunca era bastante. Havia até quem dissesse que el-rei era avarento, sumítico. Mas não era.

El-rei tinha outros cuidados.

— Fazeis o trabalho do céu, — dizia êle à rainha; — eu tenho que fazer o da terra. Para um e para outro é preciso dinheiro; mas os vossos cofres não têm fundo.

Ela ouvia com muita humildade; mas apenas via um infeliz, esquecia tudo.

D. Diniz tinha muito em que pensar e muito que fazer. Primeiro houve guerras contra a Espanha; depois o governo do reino, a justiça, a agricultura, a marinha, a Universidade de Coimbra que fundou, tinha grande cuidado em encher os cofres do Estado, mas não por avareza. Era preciso ter reservas para acudir a alguma despesa de guerra ou de fome ou peste que aparecesse; e ao esplendor que competia à corte real portuguesa e a receber com as honras devidas hóspedes ilustres estrangeiros que vinham a Portugal...

Mas tudo isto era *trabalho da terra*; e a rainha só entendia as coisas do céu. Era muito mansa em tôdas as suas palavras e acções e cheia de obediência e de conformidade. Nunca ninguém lhe conheceu um levantamento de soberba ou cólera, nem de presunção fôsse lá no que fôsse. A sua alma estava sempre em tal sossêgo que só uma santa e constante alegria lá reinava. Jejuava muitas vezes a pão e água e não havia virtude que igualasse a sua humildade. Em tôdas as sextas-feiras da quaresma tinha por costume lavar os pés a doze pobres dos mais desgraçados, sujos e chagados que havia; e fazia-o com todo o cuidado nem que fôsem seus filhos; e logo os vestia a todos com roupas novas e lhes dava grandes esmolos em comedorias e dinheiro, tudo com muitas boas palavras e muito amor; e mandava-os embora com Deus, tão consolados como se tivessem estado no paraíso.

Havia num convento ali perto uma fidalga que era muito amiga da rainha e que fôra sua aia antes de se recolher ao claustro.

Esta fidalga adoeceu com um tumor maligno no estômago, com grandes dores e inchação; e o mal foi sempre a pior e os físicos diziam que não tinha cura. Desenganada e vendo chegada a hora da sua morte, esta fidalga pediu à superiora que a deixasse ir ver a rainha para se despedir dela antes de entregar a sua alma a Deus. Estiveram as duas conversando muito tempo e a rainha animando a sua amiga com muitas palavras de conforto; e ao despedir-se pediu-lhe que lhe mostrasse o tumor. Ele era tão feio e maligno que D. Isabel não pôde suster as lágrimas. Lembrou-se de fazer sôbre aquêle mal sem cura o sinal da cruz, pedindo a Deus do coração que diminuísse tamanho sofrimento. E depois disto separaram-se; mas quando a fidalga chegou ao seu convento, descobrindo o estômago viu que o tumor tinha desaparecido de todo. E ficou curada para sempre como se nunca tivesse tido nenhuma doença.

De maravilhada e contente, esta fidalga não se cansava de contar a todos o que lhe sucedera, dizendo a quem a quisesse ouvir que fôra um milagre da rainha. Mas esta, apenas soube disto, mandou-a logo chamar e repreendeu-a muito, recomendando-lhe que não tornasse a repetir tal coisa, porque o bem que recebera não fôra da sua mão pecadora, mas só de Deus.

Um dia mandou a rainha dar de comer e de vestir a um rancho de pobresinhos que se tinham juntado à porta do palácio, como acontecia muitas vezes. Quando iam a sair, com os seus fatos novos e cada qual com sua trouxa de esmolos, um deles, mais velhinho e trôpego, ficou para trás e, quando chegou ao pátio, já os outros tinham abalado. Um porteiro que o viu e não entendeu de onde vinha, imaginou que era algum ladrão disfarçado e deu-lhe uma grande paulada na cabeça; e o pobrezinho caiu no chão sem sentidos, com uma brecha funda aberta na testa e tanto sangue a correr que o porteiro cuidou que o tinha morto.

D. Brites de uma janela viu o que se passava e, repreendendo o porteiro pela sua estupidez e brutalidade, chamou gente e mandou que levassem o ferido para o seu aposento onde logo começou a tratar dele. Mas a rainha, tendo notícia do que sucedera, foi a correr ao aposento de D. Brites e quis, por suas próprias mãos tratar a ferida. Enquanto a lavava com muito geito e cuidado, mandou chamar o porteiro.

— Vês? — disse-lhe a rainha, — vês o trabalho que me deste? Aqui estou a emendar o mal feito por tuas mãos.

E quando ia a pôr as ligaduras de linho fino, viu que a ferida desaparecera; e o pobrezinho levantou-se e disse que se sentia bom de todo.

O porteiro caiu de joelhos defronte da rainha beijando-lhe a fimbria da saia, com muitas lágrimas e gemidos de arrependimento. E a rainha pôs-lhe a mão na cabeça como se êle fôsse uma criança e disse-lhe a sorrir:

— Graças a Deus, a ferida sarou depressa; mas para a outra vez toma sentido, porque a ferida que fizeste na tua alma foi mais perigosa do que esta.

E mandou-o embora recomendando-lhe que ajudasse o pobrezinho a descer as escadas com jeito e que o levasse à cozinha e lhe desse um copo de vinho.

Apenas êles saíram, D. Brites atirou-se aos pés da rainha:

— Ai, minha Senhora! Minha Senhora! Mais um milagre! Mais dois! Duas feridas saradas, uma na testa do pobrezinho, outra no coração bruto do porteiro!

E as lágrimas de comoção não a deixaram continuar.

A rainha pegou-lhe nas mãos e fê-la levantar e deu-lhe um beijo para a sossegar, e foi sentar-se com ela ao pé da janela. Durante muito tempo ficou-se a cismar, sem dizer nada. E por fim murmurou, como se falasse consigo mesma.

— Não sei como isto foi... Eu não sabia o que ia acontecer. Certamente não é obra minha pois não tenho poder nem merecimento para tanto... A gente não pode entender a vontade de Deus que se serve de bons ou maus instrumentos para espalhar o bem...

E fêz ali prometer a D. Brites que não contaria a ninguém o que acabava de suceder.

\* \* \*

E entretanto levantou-se desavença entre el-rei D. Diniz e o rei de Castela, e também houve discórdia entre el-rei D. Diniz e seu irmão D. Afonso; e daí nasceram guerras e brigas e muito dano para Portugal.

Só um grande rei como foi D. Diniz poderia levar tudo isto vitoriosamente como levou, com muito trabalho e juízo, sem nunca descurar a governação do Estado, e a justiça, e as obras que trazia nos estaleiros da sua marinha e nos campos de Portugal para melhoramento das culturas, e a fundação da Universidade de Coímbra que tinha muito a peito.

Mas no meio de todos estes afazeres e grandes canseiras e cuidados, sempre com os seus conselheiros e oficiais a darem-lhe conta do andamento de todos estes negócios, e muitas vezes ausente em guerras e batalhas passavam-se dias e semanas que não via a rainha; e com tantos *trabalhos da terra*, acontecia esquecer-se dos *trabalhos do céu*.

Levado por amigos que, ao verem-no às vezes sombrio e triste, só pensavam em o distrair, fêz conhecimento com certas pessoas alegres e com pouco siso e envolveu-se em amores passageiros de onde nasceram filhos ilegítimos. E sobretudo a dois dêstes muito prendeu o seu coração, mormente o primeiro, chamado D. Afonso Sanches, que veio a ser mais tarde Senhor de Albuquerque e muito gentil, valente e honrado cavaleiro.

E o segundo chamava-se D. Pedro e veio mais tarde a ser conde e homem de grande saber, muito amigo das letras e de estudos e escreveu um livro das linhagens de Espanha, que ainda hoje é conhecido.

Mas no tempo de que estamos falando, estes infantes eram ainda crianças; e não faltou quem viesse contar à rainha tais coisas, com idea de lhes pôr côbro.

Mas a rainha nem se afligiu, nem fêz grande caso do que lhe contaram.

— Todos nós somos pecadores, — disse ela, — e tudo isto são coisas que passam. El-rei é novo e anda em muitos trabalhos e cuidados para bem do reino de Portugal e não convém atormentá-lo com outras questões.

E recomendou à pessoa que lhe falara que nunca dissesse a el-rei que ela era conhecedora de tais coisas; e às escondidas, tratou de saber quem eram as amas dos meninos, e mandou-lhes presentes para que olhassem bem pelas crianças e não lhes faltassem com coisa alguma; e quando os infantes tiveram idade de aprender, arranjou maneira disfarçada de lhes pagar bons aios que os ensinassem e os educassem como convinha.

Por êste motivo nunca deixou a rainha de andar sempre alegre e contente; nunca as suas aias lhe acharam mudança no gênio; do mesmo modo como dantes, quando trabalhavam juntas em seus labores, conversava e ria com aquela mesma sossegada alegria que nunca a deixava. Tais coisas não lhe turvavam o coração nem o pensamento; a sua alma era um grande lago sereno que nenhuma tempestade de paixões humanas podia agitar. Só nas suas orações pedia a Deus que alumiasse o espírito de el-rei para que êle procedesse sempre pelo melhor.

Das raras vezes que de tal falou com D. Brites, dizia assim:

— El-rei está sob a guarda de Deus; e não há no mundo mais honrado cavaleiro nem melhor rei. Isto são coisas que passam. Qual de nós deixa de cair em tentação? São coisas que passam...

E sorria como se falasse de uma travessura de criança.

\* \* \*

Chegou-se o tempo da Semana Santa. Na quinta-feira do Lava-pés, estava a rainha lavando-os a treze mulheres, tôdas pobres envergonhadas. Ora uma delas tinha o pé esquerdo muito doente de moléstia maligna, com grande inchação e pus e dois dedos gangrenados quási a caírem. Quando chegou a sua vez, esta mulher, vendo a rainha de joelhos diante dela, só lhe deu para lavar o pé direito, escondendo o esquerdo por não querer que a rainha, tão santa e tão linda, visse coisa tão feia e nojenta. Mas a rainha tanto fêz que a obrigou a dar-lhe também o pé esquerdo a lavar; e quando tirou os trapos que o embrulhavam, teve tal pena no seu coração que não pôde suster as lágrimas. Lavou-lhe o pé doente com todo o geito e cuidado e, antes de o embrulhar em ligaduras de linho fino, curvou-se e beijou-o com muita humildade, mesmo em cima dos dois dedos gangrenados.

Quando acabou o lava-pés e as mulheres saíram vestidas de novo e com bons presentes, a que tinha o pé doente deixou de o sentir inchado e dorido e viu que podia andar sem muletas e apoiar o pé na terra como se estivesse são. Abaixou-se em grande alvoroço e tôdas as outras mulheres à roda dela, e tirou do pé as ligaduras. E o pé estava curado e sem sinal de moléstia!

Já muita gente falava à bôca pequena dos milagres da rainha e da sua santidade; mas daqui por diante aquela fama espalhou-se tanto que todos os

dias se enchia o pátio do palácio com pobres e doentes que vinham para que a rainha lhes acudisse e os curasse. E a rainha, com o coração a transbordar de amor e de caridade, tôdas as tardes descia as escadarias do paço ao encontro daquela multidão de infelizes. Vinham atrás dela as aias com esmolas em comedorias e roupas e, não contente com isso, levava ela, sempre que podia, uma boa quantidade de moedas de oiro que repartia entre aquêles desgraçados. Mas, como el-rei não queria que ela desse dinheiro, levava essas moedas no regaço, disfarçadamente, para que ninguém as visse; e depois de repartir as outras esmolas, andava pelo meio dos pobres, conversando e rindo com êles e ouvindo-os com muita atenção, e ia-lhes dando as moedas em segredo.

Chegara havia pouco tempo a Portugal a notícia de que o rei de França, Felipe o Belo, conseguira que o Papa acabasse com a ordem religiosa e militar dos Templários. E, para ficar senhor das grandes riquezas que estes frades guerreiros possuíam em França, Felipe o Belo, os mandara matar a todos, dizendo que tinham feito grandes crimes.

Isto deu um grande desgosto a D. Diniz. Os Templários em Portugal tinham sempre sido leais e valentes cavaleiros que muito tinham ajudado os seus avós a combater os moiros e a fazer daquelas charnecas bravias o reino seguro, rico e forte que êle agora governava.

Não queria pois D. Diniz que lhe tocassem nos seus Templários que eram uma das grandes fôrças do reino. Reünuiu o seu conselho para concertarem no que se devia fazer; e destinou criar uma ordem portuguesa de frades guerreiros chamada Ordem dos Cavaleiros de Cristo. E assim ninguém incomodou os Templários de Portugal, porque todos passaram a ser Cavaleiros de Cristo.

Ora uma tarde, saiu D. Diniz do conselho onde tinha estado combinando a instituição desta nova Ordem, e dirigiu-se para o palácio real. Vinha preocupado, cheio de pressa e de cuidados, porque no palácio esperavam-no emissários de seu irmão D. Afonso que não queria sossegar e andava em guerra contra êle.

Quando entrou no pátio, viu a multidão de pedintes e doentes e viu a rainha que descia a escadaria com suas aias e vinha ao encontro dos desgraçados.

D. Diniz avançou para ela de semblante carregado e disse-lhe desabridamente:

— Sempre esta canalha no pátio! Sempre esmolas! Onde hei-de ir buscar dinheiro que chegue para todos os vossos pobres?

A rainha não respondeu. Lembrou-se do oiro que tinha no regaço e, sem dar pelo que fazia, apertou contra si as pregas da saia onde levava o seu tesouro escondido.

D. Diniz reparou naquele movimento e ficou desconfiado; apontou-lhe para o regaço e perguntou de repente:

— Que tendes aí tão bem guardado?

Mas a rainha sossegara. Descera sôbre ela uma grande certeza; pareceu-lhe que um anjo de Deus estava ao seu lado e lhe ensinava o que devia fazer e dizer. Respondeu sorrindo:

— Só rosas, meu Senhor.

Afastando as pregas da saia, mostrou a el-rei o que levava no regaço; e êle viu rosas e só rosas. Tantas que transbordavam do regaço e muitas caíram no chão e rolaram pelos degraus. Lindas, frescas, orvalhadas como se acabassem de ser colhidas. E em volta da rainha espalhou-se um tal perfume, tão doce e tão forte como se ela estivesse num jardim do paraíso.

El-rei ficou tolhido de espanto. Como é que tantas, tantas rosas tão frescas e lindas, tinham cabido, havia um instante apenas, em tão pequeno espaço? Como não sentira êle aquêlê maravilhoso perfume antes da rainha abrir as pregas da saia?

— Ai, minha rainha! perdoai a cegueira de quem anda tão longe do céu! . . .

Subiu as escadas acompanhado pelos cavaleiros que o seguiram; e a rainha, depois de distribuir as esmolos como de costume, voltou para os seus aposentos.

Mas, ao passar pela porta da sala onde el-rei se encontrava com os embaixadores de seu irmão, ouviu vozes que se levantavam, descompassadas, desabridas, cheias de cólera. Ficou um momento, à escuta e, levando a mão ao fecho da porta, abriu-a e entrou sôzinha.

De pé, no cimo dos degraus que desciam para a sala, parou e espalhou o olhar sereno sôbre aquêles homens que a paixão arrebatava. Fêz-se de repente um grande silêncio.

A rainha parecia ter crescido. Havia nela um tal ar de majestade e de grandeza como se fôsse um arcanjo descido do céu.

— Quem se atreve aqui a falar dêste modo a el-rei de Portugal? — perguntou ela em voz clara e tranqüila. — Quem são os cavaleiros portugueses que esqueceram o respeito que devem a si próprios e ao seu rei e senhor?

Ninguém respondeu.

Todos aquêles fidalgos, homens que não conheciam o mêdo, tisonados pelo sol, pela chuva e pelo vento dos campos de batalha, muitos de barbas grisalhas ou brancas, estavam ali diante dela como crianças, sem se atreverem a dizer uma palavra.

A rainha desceu os degraus da entrada e foi-se colocar ao lado de D. Diniz. Muitos dos que ali se encontravam contaram depois que tinham visto em volta daquela figura tão linda, uma grande claridade, como uma nuvem transparente de luz; e que a beleza da rainha resplandecia de tal maneira que ninguém podia levantar os olhos para ela.

— Senhores, — disse a rainha dirigindo-se aos embaixadores do Infante — o lugar de uma mulher não é entre cavaleiros reunidos em conselho com o seu rei. Nem eu aqui estou por minha determinação, mas sim pela vontade de Deus e pela divina ordem que recebi de vir curar-vos das paixões que, por obra do Maldito, nesta hora vos cegam.

Todos a escutavam com espanto. Sempre tão sujeita e humilde, de onde lhe vinha agora aquela voz resoluta, aquêlê ânimo tão firme, aquela autoridade que impunha respeito e veneração a quantos ali estavam?

A rainha continuou:

— Quer o Infante D. Afonso, nosso irmão, que os castelos, vilas e terras que agora lhe pertencem pela generosa vontade de el-rei, passem por herança a seus descendentes. Mas não tem filhos varões; só filhas, casadas com fidalgos castelhanos. Como pode el-rei consentir que tais terras, conquistadas por seus avós aos infiéis, à custa de tão bom sangue português, passem a mãos de estrangeiros. Que os genros do Infante o desejem e trabalhem por conseguí-lo, entende-se bem: são castelhanos. Mas que fidalgos portugueses o ajudem em tal porfia e venham aqui em deshonorosa embaixada, exigí-lo de el-rei com altas e arrogantes falas, é coisa que Deus não quer. Nem tal rebeldia do Infante contra seu irmão e Senhor, se poderia ter levantado sem a vossa ajuda desleal. Em vez de incitardes o vosso rei à cólera e ao desejo de castigar pelas armas a vossa traição e os danos que, por vossa culpa, a

terra portuguesa está sofrendo, ajudai, como bons e fiéis vassallos, a concertar pela brandura a grande desavença que o demónio espalhou entre os dois irmãos. Cumpri o vosso dever de cavaleiros e de portugueses. Servi a Deus como compete ao vosso sangue e à vossa fé. Deus esteja convosco.

E dizendo isto, a rainha atravessou a sala e saiu.

Durante algum tempo nenhum daqueles homens se mecheu. Entre eles toda a cólera desaparecia, toda a paixão, toda a má vontade, como se um anjo descido do céu lhes tivesse iluminado as almas. Pareciam envergonhados. O silêncio na sala era tamanho que se ouvia o zumbido de uma abelha que entrara pela janela aberta.

Quando recommçaram a falar, todos se mostraram desejosos de paz. E ali se decidiu a pendência entre el-rei D. Diniz e o Infante e se acabaram para sempre aquelas lutas que tanto dano estavam causando a Portugal.

Este foi um dos grandes milagres da rainha Santa que só andou neste mundo para espalhar o bem.

Muitas mais coisas maravilhosas fez ela durante a sua linda vida; mas já não cabem nesta história e ficarão para a outra.

2.  
27147

A SEGUIR:

HISTÓRIA DO PRÍNCIPE BRAVO  
E DO PRÍNCIPE MANSO . . .



*Virgínia de Castro e Almeida escreveu;  
o S. P. N. mandou dar à estampa.*

**S. P. N.**